

A LEITURA E SUA REMEDIAÇÃO; revisão de literatura

WALKÍRIA TOLEDO DE ARAÚJO

Departamento de Biblioteconomia e Documentação
Universidade Federal da Paraíba
58000 João Pessoa, Paraíba

Aborda-se a importância da leitura na formação intelectual e emocional do indivíduo, bem como no processo ensino-aprendizagem. Avalia-se a preocupação, por parte de autores, em compreender as necessidades básicas e interesses das crianças em relação à leitura.

1. INTRODUÇÃO

A leitura é um comportamento de vital importância no processo ensino-aprendizagem. Ela é encarada pelos professores e educadores como um ato de reflexão que extrapola toda a simbologia de sinais gráficos.

Alguns pesquisadores têm demonstrado que a leitura é um instrumento fundamental para a aquisição de novos conceitos, demonstrando ser um veículo de desenvolvimento.

Conforme lembra Cruz (1979), reportando a Braslavsky, a leitura é uma variável relevante e influente em toda a personalidade do indivíduo, podendo interferir na formação do seu caráter, bem como no seu pensamento.

Barr (1976, apud Lopes, 1981) também ressalta que a leitura exerce grande influência sobre o comportamento do indivíduo. Neste sentido, pode-se exemplificar as atitudes de alguns governos, sobretudo daqueles países em regime não-democrático, que proíbem a venda e a impressão de algumas obras, especialmente as de cunho político, consideradas nocivas aos seus interesses.

Outro aspecto interessante e também muito importante no ato de ler é o de dar oportunidade ao homem de perceber-se no processo histórico (Viessi, 1979). No curso

da história da humanidade tem-se, de fato, valorizado a leitura como veículo transformador da espécie humana.

A leitura é, sem dúvida, um meio significativo de participação social, de desenvolvimento e promoção individual.

Esta importância se apresenta evidente pela freqüente demanda de material impresso, como livros, periódicos, e a procura de livrarias e bibliotecas por parte das pessoas, embora paralelamente tenham surgido outros estímulos mais sofisticados, como televisão, gravações, filmes, etc, que constituem os maiores concorrentes dos materiais impressos (Viessi, 1979).

Deckert (1979) sublinha que o uso da leitura se torna mais efetivo e relevante à medida que o analfabetismo desaparece. A leitura constitui *"um instrumento de acesso às experiências acumuladas quando ocorre a necessidade de um conhecimento mais profundo e mais abrangente de um dado fenômeno"* (Viessi, 1979, p. 2).

Conforme lembra Melo (1981), recorrendo a Ward (1977), este baseou-se num levantamento bibliográfico sobre a pesquisa em leitura e pode afirmar que esse comportamento pertence a uma área multidisciplinar, onde predominam as pesquisas sociológicas e psicológicas. No entanto, esse comportamento constitui um campo pouco conhecido⁽¹⁾. Isto ocorre em razão da falta de pesquisas mais sofisticadas na área e pelo desconhecimento dos bibliotecários, professores e profissionais ligados a este campo, no que tange às variáveis relativas ao processo da leitura.

Sendo a leitura um fenômeno complexo, que envolve múltiplas variáveis, e constatado que cada indivíduo tem seu próprio ritmo de desenvolvimento em leitura, conclui-se que nem todos os leitores completam o processo de aprendizagem satisfazendo aos diferentes níveis de compreensão e considerando os diferentes graus de interesse e de experiências (Cruz, 1979).

Pretende-se, neste trabalho, focalizar alguns aspectos conceituais da leitura, bem como da sua remediação.

2. LEITURA: CONCEITOS BÁSICOS

"Há uma considerável diferença de opiniões sobre como a leitura deve ser definida. As definições atuais variam da ênfase da herança cultural aos interesses, ao desenvolvimento da linguagem, a um dos diversos tipos de habilidades de desenvolvimento. O resultado é que os professores freqüentemente estão confusos sobre o que realmente é a leitura" (Duffi, Sherman e Roelher, 1977, p. 5).

Essa confusão não é apanágio apenas do professor. Realmente qualquer profissional que se inicia nesta área fica perplexo face à variedade de modelos, proposições e teorias sobre o que seja a leitura. Muitas vezes essa confusão se reflete na ação profissional, que acaba por ser também confusa. Entretanto, os referidos autores

lembram que é igualmente perniciosa e de alto custo a rigidez com que o profissional se atém a uma única perspectiva e tecnologia de uso no que diz respeito à leitura⁽²⁾.

Conforme lembra Lopes (1981), várias são as fundamentações teóricas subjacentes às definições em torno do comportamento de ler. Essas teorias, muitas vezes, apresentam divergências.

Nessa mesma linha de pensamento, Witter (1977) afirma que o aprendizado de leitura é uma atividade complexa, que exige habilidades específicas. Além do mais, conforme preferem Lopes (1981) e Viessi (1970), alguns autores, como Skinner (1957) e Staats (1968), dão apoio a esse pensamento no momento em que frisam ser a leitura um comportamento aberto, sujeito a interferências de estímulos externos, controlados, oriundos do próprio material de leitura, da comunidade verbal e, ainda, do próprio indivíduo.

Larsen e Guttinger (1979) dizem que, com o apoio na leitura, se pode considerar a leitura um fenômeno extremamente complexo, composto de uma grande variedade de sub-habilidades, que são desenvolvidas ao longo da vida das pessoas, estando associadas diretamente com as experiências das diversas faixas etárias e com a maturidade.

Summers (1979) identifica o ato de ler relacionado com o material de leitura, razão que o fez desenvolver instrumentos psicológicos para aferir tais comportamentos omitidos pelos leitores.

A literatura sobre a matéria mostra que há um amplo conjunto de variáveis influenciando no estabelecimento e manutenção do comportamento de ler. Esta manutenção é, em uma linguagem menos operacional, freqüentemente referida como hábito de leitura.

O hábito de ler tem merecido a atenção de muitos pesquisadores e de instituições envolvidas com o assunto, especialmente no que diz respeito aos interesses de leitura por parte dos jovens. Esta afirmação encontra respaldo, sobretudo, em alguns países da Europa e da América do Norte.

No Brasil, dispõe-se de poucos dados relacionados com a leitura de crianças e jovens, especialmente referindo-se a novos métodos que visem o desenvolvimento do hábito de leitura, embora nos últimos anos eles venham se fazendo com maior freqüência.

No contexto deste trabalho compreende-se por hábito de leitura a freqüência e duração da ocorrência desse comportamento. Ele será tanto mais forte quanto mais freqüente e demorado forem os momentos em que se for verificado.

Escarpit (1975) ressalta ser, provavelmente, na idade pré-escolar que ocorre a formação de atitudes fundamentais diante do livro. Esse autor sublinha que a pri-

meira experiência da criança com o livro é tida quando ela entra em contato com a escola, sobretudo se não existe material e modelos de leitura no meio familiar. Todavia, considera-se aqui que essa experiência ocorra mais precocemente, em especial no caso de crianças que vivem em ambientes ricos em material de leitura e onde as pessoas têm fortes hábitos de ler. Entretanto, para muitas crianças, especialmente as menos privilegiadas sócio-economicamente, a afirmação feita pelo autor encontra eco na realidade. Nesses casos, é natural que essas crianças associem a literatura à situação escolar. Face a esta observação, o autor acima mencionado sugere que o livro seja parte integrante da vida cotidiana da criança, assim como os brinquedos. Desta forma, os hábitos de leitura começam a ser estabelecidos bem cedo e estão sujeitos às variáveis relevantes para a leitura.

Existe um conjunto bastante complexo de fatores interatuantes que podem explicar a razão de alguns estudantes serem leitores relutantes. Neste sentido, Viessi (1979) faz referência ao trabalho de diversos pesquisadores. Os leitores relutantes pode-se aqui definir como sendo aqueles indivíduos que são particularmente bons leitores, isto é, em termos de habilidades básicas não apresentam dificuldades para com a leitura, mas *"apenas não se interessam pela mesma, preferindo atividades que não envolvem o ato de ler."* (Viessi, 1979, p. 7).

As razões podem estar ligadas às variáveis escola e lar, considerando ser a leitura um complexo comportamento, o que exige habilidades especiais adquiridas hierarquicamente, donde se processa a aprendizagem, inicialmente no lar, sistematizando-se, posteriormente, a nível de escola.

Algumas situações como classes numerosas, materiais de ensino inadequados, tecnologia didática deficiente ou inadequada, etc, dentro da sala de aula podem concorrer para o desinteresse para com a leitura. Nem sempre os professores estão conscientes do seu papel motivador⁽³⁾ para com os seus leitores relutantes. Assim, *"uma postura didática negativa pode provocar nos alunos comportamentos emocionais inadequados e a utilização inapropriada do material escolar estimula a relutância e o comportamento disruptivo em classe."* (Viessi, 1979, p. 35).

Em alguns lares, onde os pais demonstram indiferença no desenvolvimento da leitura pela ausência de quaisquer materiais impressos, tais como jornais, revistas ou livros, pela negligência em participar do acompanhamento e controle das atividades escolares das crianças, pela permissão freqüente para assistir televisão, em detrimento das atividades de leitura, podem provocar na criança *"comportamentos de contracontrole, tais como baixa freqüência de participação, brincadeiras, esquivas e até mesmo fuga dessa situação, que passa a ser aversiva para ela."* (Viessi, 1979, p. 7).

Muitas crianças que têm dificuldades com a leitura "tendem a entrar em um círculo vicioso. Porque não estão lendo bem, elas começam a evitar situações de leitura. Quanto mais evitam, menos obtêm a prática de que necessitam para executá-la e, conseqüentemente, a motivação diminui e a relutância se instala em câmara lenta ao longo de todo o processo educacional." Viessi, 1979, p. 7).

Duffi, Sherman e Roelher (1977) consideram um dos maiores problemas para as pessoas que trabalham com o leitor estabelecer ou construir o interesse ou motivação para a leitura, justificando-se desta forma a preocupação com a mensuração dessa dimensão do comportamento. Entre as formas de mensuração destaca-se o uso da observação direta dos questionários e escolas.

Entretanto, como bem lembram os autores, detectar interesses e atitudes perante a leitura é apenas o começo. É preciso agir de modo que sejam criadas e mantidas atitudes positivas em relação à leitura e desenvolvida uma motivação para esta atividade. Para se ter êxito como motivador, vários aspectos devem ser considerados. Isto implica levar em conta as premissas básicas da aprendizagem e, a partir da realidade da criança, dispor de material adequado e útil.

De acordo com Neuman (1980) tem-se registrado uma grande preocupação entre os pesquisadores em compreender as necessidades básicas e interesses das crianças em relação à leitura, sendo freqüentes as investigações quanto ao que os jovens fazem do seu tempo de lazer e quanto desse tempo é devotado à leitura. Essas pesquisas têm encontrado uma ampla diversidade de variáveis que têm influência no setor, tais como: sexo, idade, nível sócio-econômico, nível de leitura, etc. De acordo com sua revisão, os leitores que melhor usam seu tempo de lazer nessa atividade são: do sexo feminino, de bom nível de leitura, de classe média-alta e, a partir dos últimos anos, da escola elementar.

Cabe aqui lembrar que a maior parte dessas pesquisas foram realizadas no exterior e com metodologia que se encaixa a nível de levantamento e estudos correlacionados e que, portanto, devem ter seus resultados focalizados com muita cautela, evitando-se generalizações inadequadas, especialmente ao se transpor esses resultados para a realidade brasileira, muito mais carente.

Outra estratégia metodológica freqüentemente utilizada e referida por Neuman é o que ela denominou enfoque de *uso de gratificações*, que tenta analisar as relações entre as características comportamentais da criança e os meios de massa. As revisões dos estudos feitos dentro deste enfoque mostram que a *"ausência da televisão aumenta o uso da leitura como atividade de lazer. A leitura de histórias em quadrinhos, o cinema e o rádio são todos negativamente afetados pela implantação da televisão, enquanto que a leitura de livros permanece inalterada"* (p. 333). Possivelmente isto aconteça em decorrência da similaridade entre os meios, em termos de requerer repertórios básicos do sujeito, tal como a atenção, e também em função do atendimento das necessidades específicas do mesmo, em termos de contato com a realidade e obtenção da informação. A autora fez uma pesquisa envolvendo sujeitos do 3º ao 9º grau de escolaridade para verificar as categorias que levaram os alunos a procurar a leitura. As respostas foram categorizadas em: em esquivas de aborrecimento, para aprender, fuga, estimulação, conveniência, de consumo e entretenimento. Verificou que a média de propósitos lembrados tende a crescer com a escolarização e que a leitura, meramente para aprender, decresce com ela, o mesmo ocorrendo como o ler para se divertir. As outras razões para a leitura apresentam uma grande

flutuação. A autora mostra que os dados não foram suficientes para mostrar uma transição hipotética que se espera ter entre *aprender para ler* e *ler para aprender*, que deveria ocorrer durante esses anos de escolarização. Os dados mostraram que os alunos tendiam a ver a leitura mais como uma aquisição de habilidade do que como um meio para exploração de idéias e informação. Em sua opinião, isto sugere que há necessidade de uma maior ênfase no desenvolvimento da leitura nas áreas de conteúdo. É evidente, também, que a leitura não deve satisfazer apenas a uma função específica, e sim a uma grande variedade de funções que parecem mudar ao longo da escolarização e das vidas das pessoas.

Embora a autora não faça referência, é evidente que tal fato tenha sérias implicações na constituição, desenvolvimento e manutenção dos acervos de bibliotecas. Além disto, esses dados também têm implicações na pesquisa, mostrando a dificuldade com que se depara o pesquisador na seleção de textos a serem utilizados em programas os mais diversos. Certamente cabe aqui a consideração de que o docente em sala de aula também estaria com esta dificuldade. O intercâmbio mais estreito entre esses profissionais e o literário poderia ser de valia para todos, garantindo um melhor atendimento ao leitor.

3. REMEDIAÇÃO DE LEITURA: CONCEITUAÇÃO

Witter (1976) mostrou que a problemática para a aquisição do ato de ler e de correção das deficiências desse comportamento constitui-se em questão bastante difícil. A temática tem merecido a preocupação de muitos autores, que têm dedicado vários estudos e até mesmo desenvolvido programas e técnicas para a remediação da leitura. A referida autora observa ainda que a literatura científica registra, há bastante tempo, a preocupação com este assunto; no entanto, não apresenta um conceito bem definido sobre o mesmo. Embora já exista um elenco de termos muito vasto sobre remediação da leitura, muitos são controversos e, muitas vezes, aplicados indevidamente.⁽⁴⁾

Para melhor compreensão do assunto, considera-se importante apresentar aqui os três tipos básicos de leitura: a) leitura de desenvolvimento, que consiste em um crescimento ordenado e progressivo da habilidade de ler; b) leitura corretiva, utilizada para reabilitar o leitor retardado ao nível de sua capacidade para ler, ou para compensar um ensino deficiente, faltas freqüentes ou qualquer experiência negativa provocada pelo ambiente; c) leitura remediativa, adotada quando a criança apresenta dificuldades intrínsecas (Witter, 1979).⁽⁵⁾

No presente trabalho tomou-se por base a definição acima exposta, isto é, entende-se por remediação de leitura a utilização de técnicas de leitura aplicadas às crianças, jovens ou adultos com o intuito de possibilitar-lhes melhoria no nível de desempenho em leitura, bem como o gosto e interesse por este comportamento, mantendo-o ao longo de suas vidas.

O interesse pela promoção e manutenção de uma atitude positiva dos leitores em relação à leitura tem sido uma preocupação dos estudiosos do comportamento de ler, tais como professores, psicólogos e, mais recentemente, dos bibliotecários.

É necessária, portanto, a realização de estudos sistemáticos sobre esse comportamento nos leitores, bem como a elaboração e implementação de programas remediativos, uma vez que o ato de ler será uma constante em todas as circunstâncias de vida do homem.

Artigo recebido em 21.03.84

Abstract

Reading and Remedial Reading; literature review

Discusses the importance of reading intellectual and emotional formation, and in the learning process of the children. The concern of authors to understand the basic needs and interest of children in relation to reading attitudes is evaluated.

NOTAS

1. WITTER (1977) lembra que esta afirmativa decorre da complexidade do assunto e da velocidade desempenhada pelo bom leitor na realização da leitura. A autora refere-se aos diversos pesquisadores da área que apóiam esta assertiva com análises de pesquisas.
2. Os autores fazem uma ampla descrição da aprendizagem das hierarquias básicas de aquisição da leitura, indo do reconhecimento e compreensão de palavras até a interpretação literária. Além disso, apresenta como os vários níveis de leitura são alcançados através de uma instrução adequada. Focalizam ainda os problemas de avaliação e diagnóstico. Como esses assuntos não estão diretamente relacionados com o cerne do presente trabalho, não serão aqui focalizados.
3. VIESSI (1979) faz referência a vários programas de remediação de leitura a nível escolar com a participação direta dos professores.
4. Entre os termos aplicados para definir esta temática pode-se lembrar: distúrbios de leitura, retardo em leitura, cegueira para letra, estrefosimbolia, distúrbios na recepção da linguagem escrita e dislexia (WITTER, 1976).
5. Muitos autores não concordam com a distinção entre leitura remediativa e corretiva. Justificam que ambas objetivam conduzir a criança a melhorar o seu nível de desempenho de leitura de formagradual. Assim, esses autores apóiam o uso dos dois termos como sinônimos.

REFERÊNCIAS

1. BARR, L.T. The Indian State Library. *Dissertation Abstracts International*, 37 (4):1852A, 1976.
2. CRUZ, M. Livre acesso à leitura: uma nova política de oportunidades de leitura. *R. Bras. Bibliotecon. Doc.*, 12(3/4):177-184, jul./dez. 1979.
3. DUFFY, G. G.; SHERMAN, G.B. & ROEHLER, L.R. *How to teach reading systematically*. New York, Harper & Tow, 1977.
4. ESCARPIT, R. El hambre de ler. *El Correo*, 25.6-12, jan. 1972.
5. LARSEN, J. L. & GUTTINGER, H.L. A secondary reading program to prevent college reading problems. *Journal of Reading*, 22(5):399-402, 1979.
6. LOPES, M. M. L. *O hábito de leitura em escolares do 2º grau: freqüentadores da biblioteca pública*. João Pessoa, 1981. 244 (Dissertação de Mestrado).
7. MELO, S.P. da S. *Tarefas de desenvolvimento do adulto e sua perspectiva de tempo: um estudo de textos literários nordestinos*. João Pessoa, 1981 (Dissertação de Mestrado).

8. NEUMAN, S. B. Why children read: a function approach. *Journal of Reading Behavior*, 12(4):333-336, 1980.
9. SUMMERS, E. G. Instruments for assessing reading attitudes; a review of research and bibliography. *Journal of Reading Behavior*, 9:137-165, 1977.
10. VIESSI, V. R. **Sistema contratual para leitores relutantes; um estudo com escolares de 1º grau.** São Paulo, 1979 (Tese de Doutorado).
11. WARD, M.R. **Readers and library users; a study of reading habits and public use.** London, Library Association, 1977.
12. WITTER, G.P. **Integração escola-comunidade.** *Temas educacionais*. São Paulo, (23)1979.